

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens meliorem  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumpi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.



NO JORDÃO

SUMMARIO: *A situação—hoje e amanhã*, pelo Padre J. A. R.; *A nossa ruína*, por E. I.—Secção historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 71.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *Huilla*.—Secção Critica: *Irmandade dos Clerigos Pobres*, pelo Padre Raymundo.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada, por R.—Secção Litteraria: *Ace-Maria*, por J. de Castilho.—Retrospecto, por D.—Variedades: *Jesuitas e mais alguma cousa*.

Gravuras: *No Jordão; Não voltarás?!...*

## A situação—hoje e amanhã

**E** muito grave a crise que vamos atravessando, mais do que se alligura talvez a certos espiritos imprevidentes, habituados a encarar o futuro atravez do prisma d'um indifferentismo estolido, filho d'um entorpecimento deploravel de intelligencia e character. Acha-se, com effeito, profundamente viciado, o nosso organismo social pela inoculação lenta mas funestissima do *virus* maçonico-liberalengo.

«Em 28 rebentou em furias o tumor historico portuguez e para outra data futura, uma punção vasará a agua que existe no ventre hydropico da Liberdade. Ver-se-ha então a que tresanda e a que sabe.»

Deu-se já principio á operação que Oliveira Martins annunciara, ha annos (1), como absolutamente necessaria; e ninguem hoje em dia ignora quaes as asquerosidades putridas que estão sendo evacuadas pela ulcera nojenta, cujas exhalações mephiticas revelam claramente a decomposição cadaverica dos velhos partidos liberaes.

Urge primeiro que tudo proceder ao saneamento mais indispensavel com a maxima energia e promptidão; triste onus de que se acham incumbidos homens em verdade dedicados e habeis, mas em quem fallece quicã infelizmente o requisito menos dispensavel—o conhecimento do remedio efficaz: a religião, unica base solida da moral e regeneração dos povos. O conspicuo ministro da fazenda, não ignoramos, dispõe de recursos excepcionaes; espirito d'uma elevação e envergadura rarissimi mas em nossos dias, sondou a fundo todos os podres do liberalismo; são-lhe patentes todas as nossas necessidades sociaes, e presume possuir a pujança bastante para realisar as reformas indispensaveis, cujo esboço tracejára muitos annos antes de tomar a seu cargo a espinhosa e herculea missão de restaurador. «Urge reformar n'um sentido pratico os sophismas que, sob o nome de «liberdades» corrompem até a medulla o corpo d'esta sociedade. Urge moralisar a administração e extirpar o parasitismo que nos rõe. Urge pôr ponto e ordem no desvairedo rumo das finanças, no regime iniquo e absurdo imposto etc., etc.... Urge n'uma palavra moralisar uma politica desvai-

rada, levantar uma authority abatida —e levantar a não pela força mas pelo respeito devido ao saber e ao character —restaurar as forças economicas de uma nação adormecida e o vigor moral de um povo atormentado.» (1)

Muito bem. Mas qual o meio assás poderoso para levar a cabo tam bello como difficil ideal? Terá acaso a seu dis-pôr alguma panacéa até aqui desco-nhecida? Oliveira Martins revela se-nos seus escriptos inimigo implacavel do liberalismo, que refuta magistralmente e d'um modo irrespondivel. Mas, mal peccado, não pôde haver illusão. Oliveira Martins é descrente, para não dizermos impio. «Liberalismo, catholici-smo, que são? Inconscientes hypocri-sias de quem não tem na alma a força, nem na mente a capacidade de conce-ber e defender idéas. Velhos bordões rhetoricos, politicos ou como escoras de madeira carunchosa, pintada para illudir, aguentando o edificio descon-juntado.»

E' tristissimo ver um homem de tam vasto alcance intellectual formar um conceito assim errado como injusto do catholicismo, equiparando o ao liberalis-mo! Quanto podem n'uma alma, que aliás parece recta, os preconceitos fi-lhos da suberba e do apego a um sys-tema especioso, laboriosamente engen-drado, cujas consequencias praticas ainda não demonstraram claramente to-da a sua inanidade.

Oliveira Martins é positivista; para elle o homem não passa d'um animal que por uma longa domesticação che-gou a ser alguém e a sociedade é, como o mundo, um organismo que vive, se desinvolve por sua propria força, e tén-de, lenta mas fatalmente, a uma per-manente feição ainda incompleta. Esta singular doutrina, que procede directamente da philosophia allemã, tem por base a «immanencia», reconhece como lei o «fatalismo» e como criterio a «egual-dade». A palavra politica que a exprime, é—*Democracia*.

Duas palavras sobre cada um d'es-ses termos: por *Immanencia* entende-se uma das formas do pantheismo moder-no que affirma, com Hegel, Comte e Re-nan, terem-se desinvolveo os seres em virtude d'uma força inherente á sua substancia; ou, melhor, que todos os se-res são, em realidade, o desinvolvi-

mento progressivo d'uma força unica que veio ou virá a ser tudo, e attinge actualmente no homem e no organismo social a sua maxima perfeição.

Assim pois essa força é o unico e verdadeiro deus que com o correr dos tempos e evoluções progressivas virá um dia a ser perfeito. N'esta singula-rissima aberração do espirito, tudo succede ao invéz do que a logica ensi-nava até aqui: do menos perfeito procede, de facto, o mais perfeito, do nada nasce o ser, da desordem, a or-dem, da bruteza os organismos e a vi-da, da materia o espirito, d'uma gota d'agua os oceanos, os homens, Deus! E' o absurdo puro, como o demonstra perfeitamente Gratry. A este genesis dos seres preside um *fatalismo* inelu-ctavel, mas sapientissimo. Na critica do liberalismo, Oliveira Martins formula claramente a sua opinião n'este parti-cular:

«E' ocioso perguntar-nos se a revo-lução de 34 foi boa ou má, porque na ordem dos movimentos historicos não ha para o philosopho bondade nem maldade; não ha moral, ha necessida-de. As illusões, os proprios erros, os crimes, as cousas mais indignas ou as mais horriveis, quando as olhamos moral ou estheticamente, apparecem-nos necessarias quando as vemos relacionadas no encadeamento fatal das cau-sas e effeitos. Se nos perguntarem se era indispensavel uma revolução radical para implantar a *carta*; se nos per-guntarem se era possivel reformar as instituições nacionaes sem revolução— responderemos: O que foi tinha de ser.» (1)

Asseveram porém os fautores d'esta theoria que a tendencia da *força im-manente* na sociedade humana é a egualdade.

«Todo o que tiver meditado sobre a historia da civilisação de qualquer povo, achará no âmago d'essa historia este facto: a crescente approximação das condições dos homens—approximação nos haveres, no saber, na capaci-dade, nas funcções politicas e sociaes.» (2)

Para realisar melhor entre os ho-mens essa egualdade, Proudhon quer que todos os individuos se tornem aptos, por uma educação identica, a exercer

(1) *Portugal Contemporaneo* 2.º vol. pg. 410.

(1) *Portugal Contemporaneo* — Explica-ções pg. XI.

(1) *Portugal Contemporaneo* 1.º vol. pg. 429.

(2) *Idem* — Advertencias 1.º vol. pg. XVII.

rem as mesmas funcções e todos os generos de trabalhos. Quando todas as intelligencias forem vasadas nos mesmos moldes, appresentando as mesmas aptidões, a mesma capacidade, o mesmo character moral, então desappareçará, diz o sophista, a divisão da humanidade em duas classes: uma superior que gosa e impera, e outra inferior que moireja e soffre toda a classe de privações.» E' muito curioso o que sobre este assumpto escreveu *Charles Perin* no seu valioso tratado: *Les Lois de la société chrétienne*, 1 vol. p. 340.

Tal se nos depara o systema philosophico professado pelo ministro, que constitue inquestionavelmente a força da actual situação, a cuja competencia está confiada a sorte futura da nação e de quem muitos dizem: «E', no meio do cahos universal, a unica esperança que nos resta.» Triste esperança na verdade! Aos positivistas, porém, cabe na hora presente uma missão importante: são os coveiros do liberalismo. Não obstante o absurdo palpavel da sua doutrina e da tal *Igualdade* perfeita e universal, utopia realisavel plenamente quando muito no cerebro de ideologos extravagantes, podem prestar á sociedade relevantes serviços: livral-a definitivamente do liberalismo corruptor, patenteando muito claramente aos olhos de todas as torpezas, incapacidade inaudita e espantosa hediondez d'este monstro malfazejo, e preparar assim as vias aos homens illuminados pela pura luz da verdade, os quaes formando um conceito adequado do homem e da sociedade conforme Deus a estabeleceu, conhecem portanto os remedios efficazes de que ella precisa para curar as suas chagas profundas e inveteradas.

Para que tal succeda é por certo indispensavel que os catholicos portuguezes nos unamos á simillhança dos das outras nações, no intuito de entrarmos em acção no momento opportuno, momento que se nos antolha não muito remoto e talvez nos venha de subito colher desprevenidos.

Oh! pontifices, oh pastores da grei do Senhor, grande responsabilidade vos incumbe n'esta occasião critica, n'esta hora angustiosa de que está pendente o futuro da patria e da religião. Ai de quem dorme, em tam grave conjuntura, o somno da indifferença, da apathia estolida. «Ai de quem não tiver olhos para ver!» porque a marcha dos tempos, a onda das cousas não param. E se em vez de edificar proseguirem destruindo; se em vez de proteger, explorarem o povo, as classes que agora o dirigem, a democracia nem por isso deixará de vir. Mas virá com um brandão incendiario, um grito de guerra, uma foice, um chuço, um machado, vin-

gar-se de quem não soube cumprir o seu dever». (1)

Et nunc, *Prastores*, intelligite.

P.º J. A. R.

## A nossa ruina

ONTEM ria-se, hoje chora-se. Tanta vez se apontou o abysmo para onde se rolava vertiginosamente, mas desdenhava se das palavras de bom conselho como rapaz leviano desvia o rosto dos avisos d'um pae affeioado e experiente.

«All!...» exclamam todas as vozes agora que se bateu de chofre n'um tremedal de miseria e ignominia, e se vê a sociedade portugueza pouco mais commodamente (mas muito mais criminosa) que Atilio Regulo na sua puada cellula penitenciaria!

Agora são os queixumes, as lagrimas, os brados. Passou-se do carnaval, em que se bailou pagamente, á cinza, em que a frente se pende nas angustias do *Memento homo*?

Que mudança de scenario!

Ontem as bravatas, hoje as lamurias. Ha pouco a hombridade de cavalleiros, agora os pavores de cobardes. A transição de boi a rã, como a incidencia d'um raio de luz n'uma objectiva photographica.

E de quem é a culpa, de quem? Dos snrs. thesoureiros do cofre da nação, desde Mousinho da Silveira até o defuncto snr. Marianno de Carvalho? Dos juizes da confraria ministerial, desde Palmella até João Crysostomo? Dos reis constitucionaes, d'este ramo dynastico levado ao throno pelo braço da maçonaria, como affirma com sobeja razão o snr. Oliveira Martins? Guiar-nos-iam a esta afortunada ilha dos amores, o duque de Bragança, Maria II, Pedro V, Luiz I e o actual reinante?

Sim, senhores. Foram todos esses, e nós tambem com elles, nós. Desgraçou nos um segundo Alcacerquivir sem um só acto de heroicidade! Então, feriu nos uma notavel desgraça; agora, ennodôa-nos uma descommunal vileza: fomos n'aquelle tempo infelizes, para sermos hoje... uns miseraveis. Como Francisco I, podia dizer-se: «Perdeu-se tudo, menos a honra!» E hoje?

Ah! Velemos o rosto, se por ventura acharmos tela de bastante opacidade para nol-o occultar quanto baste.

O que todos nós fizemos!... Deshonramos a nossa patria, a nossa mãe! Encheram-na de gloria os nossos maio-

(1) *Portugal Contemporaneo* 1.º vol. pg. XXII.

res para lhe conculcarmos, nós, os louros!

Se evocamos as sombras do primeiro Affonso, de Diniz, João I, Manuel, Nuno Alvares, Gama, Castro, Albuquerque, os quarenta heroes da restauração, quantos improperios lançariam contra nós em sua justificadissima colera?

Eis o que fizemos!

A nossa obra é deveras digna d'este fim torpissimo de seculo.

Já não podemos orgulhosos tomar na mão as chronicas portuguezas e apresental-as ao estrangeiro, dizendo: «Olhai, aqui só ha valor e dignidade.»

Pois realmente, a obra da nacionalidade portugueza não merecia este fim a coroa-a.

Não, mil vezes não.

E pensarmos que tam pouco foi a causa d'este desastre! Tam pouco!

Portugal era, ao que parece, a estatua de pés de argilla, cuja ruina eslavava apenas dependente da pedra que volvesse do tópo da montanha.

Um dia, mão mephistophelica desencravou a pedra, projectou-a costa a baixo n'um remesso de precito, e prostrou-nos cruelmente n'um escalavro medonho. Pobre colosso! Malogrado Portugal!

Essa pedra fatal foi... o suffragio popular!

Ui! contra mim levantam-se implacaveis as iras de muitos leitores. Uma blasphemia politica estrugiu-lhes no tympano delicado—que não, que o suffragio é um direito proprio do homem, que todo o cidadão tem jus de escolher quem o governe.

Sim, sabemos isso. O suffragio—curso dos cidadãos ao estabelecimento do poder legislativo, executivo e ainda judicial—não repugna á razão nem á justiça. Cada um, nas condições determinadas por lei, seja participe por si ou seus representantes no exercicio mais ou menos extenso da soberania temporal. Algo similhante a isto nos apparece na constituição de todos os estados.

E' certo que o Sancto Padre Pio IX, dizendo que *o suffragio universal era a mentira universal*, deixou uma affirmação que parece condemnatoria do direito de votar. Havemos porém de intender que S. Sanctidade, de saudosa recordação, se referiu antes á extensão demasiada que se dá ao direito de suffragio e ao modo iniquo por que é exercido, que ao suffragio em si mesmo.

Depois que se quiz mostrar que o numero era o direito, caiu-se no absurdo, e pelo absurdo temos sido governandos até hoje, embora a experiencia haja produzido desillusões notaveis, dia a dia mais significativas. «E' incontestavel, affirma Desprez, que os mesmos

sabios perdem o tento no meio das multidões. Póde a sabedoria achar-se no menor numero e facilmente se deixa transviar o povo por seus maiores inimigos: os ambiciosos, recorrendo ás palavras sonoras e a promessas chimericas, podem seduzir as turbas.» Ila um certo genero de alienação mental a que se dá o nome de loucura em commum. consistindo em que duas ou tres pessoas, seis ou oito mil, discretas a sós, desarrazoam quando reunidas. Ao sentencioso Séneca não era ignorado este phenomeno, pois declarava que *era menos homem quando estava entre os homens*, e Lamartine, observador attento das terriveis consequencias do suffragio, achava n'elle um enigma e um mysterio. E' que meia duzia de discólos, n'uma multidão de pessoas pouco atiladas, levam-nas a seu sabor com facilidade surprehendente. Domingo de Ramos e sexta-feira sancta revelam quanto vale o suffragio.

Governa o absurdo. O merito, o talento, a dignidade são quantidades despresiveis na arithmetica do suffragio, o que tanto bastava para eliminar d'uma vez esta perniciosa anormalidade social. Vêdes o homem mais integro do reino e o mais infame? Cada um d'elles tem seu voto; mas qual vale mais na urna? qual influe mais na eleição do candidato? Supponde que um sancto Antonio de Lisboa e um Diogo Alves são os unicos eleitores: que teriamos? um equilibrio de forças. Desgraçado equilibrio, que podia destruir-se pelo suborno do sancto, pois se vão de companhia o frade e o ladrão, mais depressa o frade se faz ladrão que o ladrão frade.

Posta-se junto da urna o sabio mais considerado do paiz ladeado do maior analfabeto; ouve-se o nome do sabio e o nome d'aquelle misero *taboa rasa*; duas listas penetraram no seio da urna... Vão pois agora lá saber qual a de maior merito para os destinos da patria n'este asnal passatempo de escholares a que deram o nome de scrutinio!

A' urna é chamado o pae, é chamado o filho, é talvez chamado o neto: todos votam, e o voto de cada um tem igual valor!...

Abram-se de par em par as portas do hospital do conde de Ferreira e de S. José; soltem aquelles infelizes, deixem-nos em liberdade no meio de seus collegas, pois está doido todo um povo que ha tantos annos engendra a norma de seu regimen por um systema radicalmente, claramente iniquo. Um rei, um bispo, um governador civil, um molleiro, um ladrão, segundo a theoria eleitoral, sommam cinco! Nas escholares aprendiamos a sommar as quantidades homogeneas, pois agora sommam-se

tambem as heterogeneas. Elle está-se no seculo das luzes, para alguma coisa ha de valer o progresso.

Governar pelo suffragio é governar pela maioria: pois nem o bom, nem o bello, nem a verdade, estão na maioria. Isto é um facto, e os factos não se discutem. Investigai a vossa parochia, a vossa villa, a vossa cidade, interrogai os moradores, e vêde se a maioria d'elles são fortes, robustos, sãos. Não são. Conglobai n'um museu todos os quadros que existem n'um paiz, todos os artefactos da ceramica, todos os rostos humanos se vos apraz; ostenta a maioria uma belleza correcta? De modo algum. E a verdade, oh! a verdade!... Entrai n'um bibliotheca publica: ha alli um oceano formado pelas torrentes derivadas de milhares de cerebros, e todavia cerebros geralmente privilegiados: examinaí o que está escripto n'aquelles volumes, achareis mais verdade ou mais falsidade? Entre os antigos se disse de Epaminondas ser amigo da verdade: *Ad eo veritatis diligens ut ne joco quidem mentiretur*. D'outro porém jamais se fez tão honrosa affirmação. Quando um letigio importante vos preoccupa, que advogado procurais? o mais distincto do logar, aquelle que vos dá maior garantia da verdade, e bem sabeis quanto estes rareiam. O que vos digo dos jurisperitos, dir-vol-o-ei dos facultativos, dos professores etc. etc. A verdade não está na maioria. (1)

E todavia é n'ella que veiu fazer ponto de apoio o famoso systema que ha tanto nos rege. Se um amo deseja um creado para seu serviço, embora lhe fique subalterno, sujeito a ser expulso no dia seguinte, quantas informações se tomam para que se não erre! E o pobre povo, a maioria, sem inquirir, nem ter competencia para escolher, elege para seu mandatario, quem por fim de contas lhe fica superior, mandatario a que não póde, quando perdida a confiança, retirar os poderes que lhe confiou, um homem que não conhece, que vai ser conivente nas acções que instigaram o sr. Eduardo d'Abreu a dar o feio qualificativo de *malta* a uma collectividade que devêra ser respeitavel e respeitada.

Já não falo das alicantinas miseraveis effectuadas pelas commissões de recenseamento, escritvães de fazenda, e corja enorme de caudillos eleitoraes, antes das eleições, na occasião d'ellas e depois d'ellas!

Um systema d'esta natureza, exercido como nol-o diz a historia, a que venturas podia levar-nos?

(1) Não incluímos aqui as verdades intuitivas, que são patrimonio de todas as almas.

A's que ahi temos.

Como Ticiano contemplai enlevados a vossa obra e exclamai: «Eis uma maravilha.»

Eleitores, olhai o que fez o vosso voto, aquelle misero papelinho que fostes lançar na urna. Lamurias que não tivestes culpa; talvez seja assim. Responsabilidade maior, em face da patria, em face da historia, em face de Deus, sim em face de Deus, cabe aos influentes, aos diabos tentadores.

E os indifferentes, os que lavaram as mãos como Pilatos, os heróes do *Laissez faire, laissez passer*, os que viram andar-lhes na seara mãos destruidoras, e se ficaram muito serenos, de braços cruzados, sem acudir ao destrôpo? Estes, quando se penitenciarem, lembrem-se que ha peccados de commissão e peccados de omissão.

Um dia, em 1849, (contava ha tempos um redactor do *Figaro*), no palacio da praça de S. Jorge, morada do sr. Thiers, no salão onde se entrava sem annuncio prévio, achava-se um grupo em agradável colloquio juncto do fogo. Um personagem, de cabellos encanecidos, cortados á escovinha, bigodes brancos, tez rosada, formava o centro; eu não o conhecia, mas pela attenção dos circumstantes vi ser homem de importancia.

O sr. Thiers escutava, sua esposa e Mlle. Dosne eram viva attenção, o visconde Roger du Nord todo immovel. Avanço, pé ante pé, e ouço ainda as ultimas palavras da conversação encetada.

«E' uma fresca instituição, esta do suffragio universal! Na minha communa terminou ha pouco a volação: o primeiro inscripto na lista era um marechal de França, o ultimo um ferrador. Procedeu se ao scrutinio, e qual o resultado? O que obteve mais votos foi o ferrador, o que obteve menos foi o marechal? E' fresca, é por de mais fresca a tal instituição de suffragio!»

Estas palavras, proferidas com gravidade comica, produziram um riso geral, e o orador de cabellos brancos era nem mais nem menos que o marechal Bougeaud.

Senhores do suffragio, pagai as tonturas que praticastes. Lavrador, trabalha, mas inclina a frente ao chão, cæleja a mão na esteva do arado, e vai levar os proventos do teu suor aos sorvedouros do erario, para castigo do voto que deste, sem saber se ao diabo se ao archanjo. Operario, lida na tua officina, alquebra as forças de tua virilidade, não para alimentar a fome aos filhos, mas para acudir ao Estado faminto, já que a troco de um quartilho, d'um apêto de mão menos honrada que a tua, foste dar o voto sem te importares a quem, praticando um deli-

cto que te feriu a ti e á tua patria. Capitalista, soffre de rosto alegre o cerceio nos juro que percebias; não tens de que prantear-te, pois, no papel de tribuno, n'uma ridiculeza de clown, correste de praça em praça a enthusiasmar visinhos e conhecidos em favor d'esse a que chamavas o *teu homem!* Anda! manda ao *teu homem* um cartão de agradecimentos.

Bem vêdes, o suffragio é um mal. Soffre a estas horas o paiz inteiro, em quanto por detraz da cortina esfregam velhacamente as mãos os hiltres que pescaram nas aguas turbas. Se a Providencia vos der ainda tempo (é de esperar que dê!) corrigi-vos de vossas leviandades, votando bem para futuro.

Não ignoramos quanto seja util a união dos elementos vitaes que existem no paiz para se conseguirem vantagens praticas. Semelhante união porém ha de a pouco e pouco realisar-se: quem olhar attentamente as evoluções da nossa sociedade, descobre aqui e alli signaes sobremaneira caracteristicos. Por toda a parte se clama por que não apparece cabeça... E' que o embrião, em seu desinvolvimento vagaroso, não chegou ainda á quinta semana. Mais algum tempo, e a cabeça estará distincta. O que não queremos é desalentos, que nas occasiões perigosas similham se muito a cobardias. Cada qual lá tem a consciencia a dizer-lhe como ha-de portar se, cumprindo-lhe illucidal-a bem com as doutrinas tam amiude ensinadas por S. Sanctidade, entre as quaes avultam no assumpto a que nos referimos as famosas Encyclicas *Immortale Dei* e *Sapientiae christianæ*.

A situação do paiz é má, todos o sabem; mas d'ahi a ser desesperada vai alguma distancia.

Estará a salvação no actual governo? Talvez não. A nós cumpre-nos auxiliá-lo em tudo o que seja honesto, mas sustem-se de vez os nossos delictos negando voto a candidato que não seja catholico. A mesma arma que destruiu, essa pode edificar.

E. I.

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

71.º

CLXVI

P. Carlos Scribani

**N**ASCEU este famoso jesuita em Bruxellas, no anno de 1561. E' um dos preclarissimos varões da Ordem de Santo Ignacio, altamente accusado nos libellos dos seus inimigos; e

portanto é de rasão que seja mencionado com honra n'este catalogo, porque effectivamente elle foi o ornamento da sua Congregação.

Carlos Scribani exerceu varios cargos na sua Ordem, sendo professor, depois reitor dos Collegios de Bruxellas e de Malines, e emfim provincial de Flandres. Durante 40 annos que viveu em Anvers, foi o arbitro de todas as differenças d'esta cidade. A elle se deve a casa professa, o collegio e o noviciado de Malines.

O P. Scribani fallava com facilidade quasi todas as linguas vivas. Pela sua sciencia e qualidades do coração foi estimado do imperador Fernando II, de Philippe IV, do Archiduque Alberto e de Henrique IV.

Deixou muitas obras em favor da religião: controversias, historia e de piedade. A mais allamada é a que tem por titulo *Amphitheatrum honoris adversus calvinistas*.

N'esta obra o P. Scribani põe a descoberto os artificios e os processos dos calvinistas. Não admira, pois, que os sectarios tenham dito tanto mal d'este livro. O calvinista Casaubono disse que elle se devia denominar *Amphitheatrum horroris*; e dizia bem, no sentido de ser uma energica diatribe contra os protestantes.

Chegaram a sollicitar de Henrique IV a condemnação ao fogo do livro do jesuita. Mas o rei elogiou-o e deu cartas de naturalisação ao auctor.

Escreveu mais a *Arte de mentir calvinista*; novo ensejo para ser odiado o auctor; e tambem a obra o *Politico Christo*, livro precioso, cheio de santas maximas, cuja pratica faria felizes os estados e os individuos.

Falleceu este doutissimo jesuita em 1629.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Huilla

Do excellente *Correio de Portugal*, extractamos o seguinte ácerca da perolada nossas Missões angolenses:

«...No dia 1 de setembro foram os officiaes da expedição convidados pelo sabio e benemerito superior d'aquelle grandioso estabelecimento, o ex.º sr. padre José Maria Antunes, para assistir a uma festividade religiosa em acção de graças pelas victorias das nossas armas; e ao mesmo tempo foi convidado o major Padul para servir de padrinho ás creanças do Typelongo que n'esta occasião recebiam o baptismo.

Gratos a tão amavel quanto attentioso convite demo-nos pressa em compa-

recer no dia 3 á festa que os prestimosos missionarios celebravam em nossa honra .....

...A festividade comprehendeu uma missa cantada por musica vocal e instrumental, o baptismo das creanças do Typelongo e um *Te Deum* em acção de graças pelas victorias da expedição. A vasta capella da missão armada a capricho e brilhante de scintillações de luzes e dourados ornatos, regorgitava de fieis.

Foi executada a missa de Fauré cantada magistralmente pelos alumnos do seminario, acompanhados pelos harmoniosos sons de um plangente orgão, a que fazia brilhante contraste os vibrantes sons da fanfarra tocada pelas creanças pretas.

Quanto nos foram commoventes e consoladores os instantes que alli passamos, não me é dado descrever, inebriados pelos imponentes canticos religiosos que derrainavam ineffavel balsaço sobre os nossos espiritos sequiosos de suaves e acaraciadoras commoções aos rijos embates, que acabavamos de travar, instantes que bem compensaram trabalhos, fadigas e perigos.

Terminada a solemnidade religiosa, foi-nos offerecido um delicado almoço, durante o qual vimos com satisfação, que a cruz e a espada se enlaçavam em estreito amplexo no humanitario interesse da civilisação africana.

Brindamos á grandiosa obra dos incansaveis missionarios, fazendo votos pela prosperidade das missões, que como esta, comprehendem o sentido pratico da educação artistica do preto, e cujos relevantes serviços em prol da civilisação africana têm sido justamente reconhecidos e apreciados na Europa.

Durante o almoço a fanfarra executou varios trechos de musica.

Em seguida visitamos as officinas e dependencias da missão, onde a ordem e o acieo andam a par com o progresso e desenvolvimento das artes, que são ministradas aos educandos pretos.

Percorremos a bibliotheca, que contém mais de 4:000 volumes, alguns de grande valor estimativo.

Vimos o gabinete de sciencias naturaes, onde se encontra uma boa colleção de aparelhos de physica, chimica, geodesia e meteorologia, com optimos exemplares para o estudo de botanica, zoologia, minerologia, etc.

Visitamos os espaçosos e bem ventilados dormitorios e refeitórios dos seminaristas e educandos pretos.

Passamos ás officinas. Admiramos a fabrica de serralha, onde um motor da força de 12 *caballos* põe em movimento um aparelho aperfeiçoado, que em poucos minutos serra grossos troncos de arvores em delgadas taboas.

Passamos em revista a serralharia

com os seus dois folles e grossas bigornas, em que algumas creanças pretas forjam e preparam obras de ferro, que nada deixam a desejar ao mais exigente artista.

Passamos á officina de carpinteiro, marceneiro e torneiro, onde muitas creanças cortam e aparelham portas, janellas, cadeiras, etc., sob a direcção de um *irmão*, mestre da officina.

Seguimos para as officinas de alfaiate e sapateiro, onde admiramos a perfeição das obras, que mais parecem feitas por mãos de artistas do que pelos pretinhos.

Passamos á grande fabrica de cortumes, industria nova n'este planalto, que se deve á iniciativa dos missionarios. Esta fabrica com machinas aperfeiçoadas, vastos poços para a curtição dos couros e numerozo pessoal sob a habil direcção de um *irmão*, fornece sola e cabedal para uso da missão e exporta-o em grande escala para as colonias do planalto e Mossamedes. Com mais algum desenvolvimento, que lhe querem dar, esperam os benemeritos missionarios levar a exportação até Loanda.

D'ahi passamos á officina typographica d'onde saiu este modesto trabalho. Está montada pelos melhores modelos da Europa e dispõe de grande variedade de *typos* e de um prelo que pôde ser movido a vapor. N'ella trabalham quatro rapazes sob a intelligente direcção de um missionario coadjuvado por um *irmão*.

Seguimos em alegre romaria para muitas outras dependencias, taes como: casa das armas, paiol da polvora, fabrica de cerveja, moinho e fabrica de pão, que é amassado mechanicamente, cosinha, casa das machinas ruraes, casa dos carros, *menagerie*, etc., etc., finalmente a nossa alegre visita pelo *atelier photographico*.

O elogio da missão da Iluilla já está feito por mãos de mestres a quem não me é dado imitar.

A excellencia dos resultados obtidos com a educação pratica dos pretos aliada á catechese foi reconhecida e louvada pelos arrojadados exploradores Capello e Ivens na sua immortal obra *De Angola a Contra-Costa*.

## SECÇÃO CRITICA

### Irmandade dos Clerigos Pobres

(Vid. o n.º antecedente)

**T**AS se todos sabem que as circumstancias do clero são difficeis, nem todos conjecturam a que abatimento financeiro teem descido alguns sacerdotes, de cuja inopia raros teem conhecimento.

Ora oiçam, porque é revelador, o seguinte do relatório da *Irmandade dos Clerigos Pobres*, em 1889:

«O subsidio de 100 reis diarios concedido ao Rev. Irmão Padre João Miguel Moreira de Seabra passou pelo seu fallecimento para o Rev. Padre André José Ferreira, de Mangualde, o qual para prova da urgente necessidade da fundação d'um asylo, hospital e hospedaria para o clero anda pedindo esmola no jornal—*A Palavra*—ha perto de dezoito annos.

«Não é irmão, mas nem por isso a Veneravel Irmandade deixa de soccorrel-o; os estatutos assim o permitem.

«Achava-se ainda ha pouco no Asylo de D. Maria Pia d'esta capital o Rev. Padre Antonio Vaz de Seixas, de mistura com os asylados, que de ordinario pertencem ás mais infimas camadas sociais!

«Em Braga o Rev. Padre Antonio José da Costa, da Quintã do Arco de Baulhe—Cabeceiras—tem pedido esmola no jornal official da diocese—*O Amigo da Religião!*

«Na freguezia de Alvorninha d'este Patriarchado ha um Rev. Presbytero d'idade avançada e sem parentes, que está sendo soccorrido com esmolas dos collegas e dos fleis!

«Na diocese de Faro ha actualmente tres Rev. Presbyteros que estão sendo soccorridos com esmolas dos collegas e fleis!

«Assim o declarou o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sur. D. Antonio, dignissimo Arcebispo Bispo d'aquella diocese.

«O Rev. Parocho de Cedrim, concelho de Sever do Vouga, diocese de Coimbra, uma das mais ricas do reino, segundo se diz, escreveu ha dias um officio ao Juiz da sua comarca, participando que por falta de recursos não tinha vestuario decente para se apresentar em cumprimento da lei civil n'uma repartição publica, e por isso pedia dispensa!

«Alem dos Rev. Presbyteros indica dos quantos teremos em todo o reino que por vergonha e acanhamento não recorrem á imprensa, mas andam mendigando o pão de cada dia?

«Não é necessario ir ás aldêas, aqui mesmo na capital o encontramos.

«Um grande numero de missionarios ultramarinos, depois de terem deixado os afagos da familia e dos amigos para irem em climas pestiferos perder a saude, ao voltarem á patria, desembarcam no Tejo e seguem para a enxerga do Real Hospital de S. José, onde d'ordinario terminam seus dias!

«A patria, ainda que tardiamente, começou a remediar esse mal.

«Em todos os paizes cultos, em todos os paizes que tem missões ha uma

casa destinada a abrigo dos missionarios; só Portugal, o primeiro paiz que teve missões regulares, é que não tinha actualmente uma casa, como convinha. (1)

«Esta é a tristissima verdade, e a Mesa da Veneravel Irmandade não tem receio de ser desmentida.»

O relatório do ultimo anno, ferindo a mesma nota, diz o seguinte:

«Muito maior seria a verba das esmolas (concedidas no anno preterito) se a Veneravel Irmandade podesse dispor de maiores meios sem ir prejudicar os irmãos.

«Os Rev. Padres Antonio d'Almeida Sequeira d'Albuquerque, d'Espinho de Mangualde (Vizeu), Antonio Jacomo de Castro (Lisboa) e José Benedicto de Chaves (Braga), pediram para que lhes fossem arbitradas mensalidades, do mesmo modo que foi arbitrada ao Rev. Padre André José Ferreira, de Mangualde.

«A Meza com bastante pesar sentiu ter que indeferir-lhes as suas petições.»

O quadro desenrolado é de si tão escuro e eloquente, que dispensa commentarios.

Ha de ter ultrapassado quanto de doloroso haja creado a phantasia de muitos dos nossos leitores.

Que o fiquem sabendo todos os declamadores de sobreloja, e quantos bolonios imaginam possiveis El Dorado na vida sacerdotal.

\*\*\*

Parece-nos que recommendando a *Irmandade dos Clerigos Pobres* aos sacerdotes do nosso paiz, lhes prestamos bom serviço.

Nem no exercicio das suas funcções, nem nas estações officiaes, encontrará o clero, remedio para a triste contingencia da penuria, no porvir.

Tel-o-ha, por certo, no Monte-Pio, que está, emfim e felizmente, creado entre nós.

Recorra a elle, embora isso importe sacrificio para as suas minguadas circumstancias.

O sacrificio, embora arduo, ha de ser compensado.

(Continúa)

Padre Raymundo.

(1) «Ha n'esta capital o *Hospicio de Nossa Senhora da Guia à Mouraria*, o qual é destinado aos missionarios do Real Collegio das Missões. Alem de estar situado n'um bairro imundo, e portanto improprio, está inhabitavel pelo seu mau estado de conservação.

«A parte do edificio do extinto convento de Cheilas, suburbios da capital, que ainda pertence ao Real Collegio das Missões, está deshabitada. Para pouco pode servir.»



NÃO VOLTARÁS?!

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«*Theologia moral*, de P. João Pedro Gury, da Companhia de Jesus, revisto e annotado por Antonio Ballerini, da mesma Companhia e Professor do collegio Romano, versão portugueza do Ex.<sup>mo</sup> Conego Joaquim Paes de Sobral—Editor José Maria d'Almeida—VIZEM.» Recebemos o fasciculo do segundo volume acerca da *justiça e do direito*, comprehendido nas paginas 273 a 352. Quem ainda não fôr assignante pôde dirigi- se ao editor: a obra subirá de preço em findando a publicação.

«*Resposta ao livro de Manoel Bang's Grainha sobre os jesuitas*, pelo Director da «Ordem»—Editor J. J. dos Reis Leitão—COIMBRA.» Formoso volume em 8.<sup>o</sup>, de 300 paginas pelo exiguo preço de 300 reis, escripto evidentemente por mestre consummado em assumptos d'esta natureza. As mentiras vergonhosamente expostas na obra do Grainha são escarpelladas aqui com tam admiravel pericia que o leitor, assistindo ás exhibições da prim. ira pagina, não descança em quanto não vir as da ultima.

Julgamos que o livro do Grainha cairia breve no esquecimento. Não é assim: o livro viverá, immortalizado nas obras que suscitou. Não se esqueça o mestre das letras de enviar um cartão de agradecimento a quem exerce a insignie caridade de o conduzir á gloria, e como Alexandre a Homero compulso o livro que indicamos, para ser mais sabio e melhor educado.

«*O Livro das Mães*, por Julio Arthur Lopes Cardoso, Medico e Professor, voluminho importante, editado pela Companhia Nacional editora—Preço 50 reis.» Aquellas pessoas que se vjam prestes a conhecer os perigos da maternidade ou a velar as creancinhas nos primeiros tempos de sua existencia, podem utilizar com os varios conselhos archivados no opusculo referido.

«*Jesuitas e mais alguma coisa*, es tudo pittoresco da Companhia, dentro e fóra da Grainha, escripto em horas de bom humor pelo seu auctor Antonio José Rodrigues da Silva Gandra, Doutor e ex-lente de philosophia, Bicharel formado na Sagrada sciencia theologica pela Universidade de Coimbra, egresso da Companhia de Jesus, etc: etc. etc. Editor José Fructuoso da Fonseca—PORRO.—Preço 200 reis.»

Que diremos nós d'este volume? Causou-nos profundissima decepção. Ao ler e ouvir os universaes elogios que por toda a parte lhe teciam, davamos lhes sempre, cautellosamente, uns cincoenta por cento de desconto. Veiu-nos porém á mão o livro, offercido pelo benemerito editor, e os cincoenta por cento de

desconto tivemos que passal-os a cincoenta por cento de acrescimo!

Muito maior que esperavamos é pois o valor do precioso volume.

Abril o é começar a rir, d'um riso franco e puro, desde a primeira á ultima pagina. O rosto sombreado de remorso do proprio Minuelsinho, desennuviar-se ia jubilosamente com um raio de luz d'estas formosas prosas.

Aos leitores offercemos mais adeante uma elegante flor das innumeras que n'este jardimzinho se podem colhêr, e ao editor agouramos-lhe mais que uma edição n'um opusculo baratissimo, toda graça e interesse, que embora tractando um assumpto de occasião, ha de perdurar entre as joias da boa litteratura portugueza, graças á contextura perfeita que n'elle se admira.

«*Crença & Letras*—Revista mensal, redigida no Collegio de S. Damaso, em Guimarães.»

Eis o summario do n.<sup>o</sup> 2:—*As martyres de Minsk*, pelo Padre José Victorino Pinto de Carvalho; *O Pessimismo*, pelo Padre Antonio Hermano; *Antes de Christo*, pelo Padre Henrique Gomes; *Ninharias*, por José d'Azevedo Menezes; *A Escola*, por J. Machado; *A Cruz do Cemiterio*, por Mattos Ferreira; *A Crença*, por J. d'Oliveira; *Defenda Religio*, por J. Pereira da Costa; *A donzella professando no claustro*, pelo Padre Joaquim J. Soares; *A roda da politica europeia*, pelo Padre Antonio Hermano; *Quatrefages*, por Cosmos; *Notas e Impressões*, por Bruno d'Almeida.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a A. Hermano—Collegio de S. Damaso—Guimarães.

«*Mysterios da Franc Maçonaria*, por Leo Taxil. Versão do Padre Francisco Correia Portocarreiro. Editor Antonio Dourado—rua dos Martyres da Liberdade, 113. PORRO.» Foi publicado o fasciculo 2.<sup>o</sup> e o 3.<sup>o</sup>, adornados de quatro primorosas gravuras. Não carece a obra de encomios perante os nossos assignantes, conhecedores dos eminentes escriptos de Taxil. Depois que a graça divina, de Saulo o transformou em Paulo, ninguem até hoje manifestou tam ás claras os horrores operados pelos irmãos da trolha, de quem talvez o valente escriptor venha a ser uma victima. «Se eu morrer d'uma punhalada ou uma bala de pistola, diz elle ao terminar o *Prologo* d'esta obra notavel, saber-se ha de que antros saíram os meus assassinos. Se succumbir de qual quer molestia inesperada, conhecer-se-hão antes da minha morte as suas causas criminosas; porque n'esta mesma obra revelarei o veneno das ante-lojas, a maneira como os chefes occultos d'elle se servem, e o lugar onde se fabrica.»

Leo Taxil, Paulo pela conversão, não se arrecêa de o ser por um martyrio glorioso.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

Não voltarás?! .

(Vid. p. 55)

Na aldeia todos invejavam a felicidade do modesto casal. Parece que a harmonia tomara assento n'aquella habitação para não mais a deixar. O José trabalhava de sol a sol com o zelo d'um valente, ao passo que a Annica, toda asafamada, attendia aos arranjos domesticos. Nada lhe esquecia: a limpeza do quinteiro, a ordem da cosinha, onde cada coisa tinha seu lugar e seu lugar sua coisa, o apuro das refeições, as irrigações da horta, as gallinhas e reco, segundo ella dizia na sua linguagem provinciana. Em avisinando a noite, lá ia a Annica ao cotovello do caminho espreitar se o José regressava, fazendo lhe uma caricia se o via cedo, ou uma censura amiga, se lhe tardava uns instantes.

Eram felizes?

Podiam sel-o.

Faltava porém a este conjuncto de bens um elemento importante, conhecido do reitor da parochia, que ante os elogios áquella harmonia de conjuges, dizia sempre circunspectamente: «Sim, lá darem-se dão-se elles, isso é bem verdade; mas é cedo ainda para lhes chamarmos felizes.»

Tinha razão, o padre. Sabia elle que na casa do José havia pouco de igreja e um tantito de taberna. Quem sonda o fundo das coisas, descobria aqui um centro de mal, cujas consequencias em cedo se tinham de manifestar.

E não tardou muito, que o mal viaja a vapor, em tanto que o bem parece ir apenas a passo e passo. Um dia assistiu o José na taberna á distribuição do correio: as pessoas que alli estavam, anceosas de correspondencia, falavam de coisas do Brazil:—que só alli é que um homem era homem; que n'um mez se ganhava mais que na terra em seis annos.—Olha lá, dizia um, como a Joaquina do Argal teve já cinco libras do homem que foi ha dois mezes.—E a Rosa do Lameiro teve uma prenda do irmão—additava outro, ao passo que um terceiro obtemperava:—Ora! meu primo da Encosta é um lord ás direitas; e se cá ficasse havia de trazer as mãos grossas como estas minhas.

O José ruminava a ponta do brejeiro ouvindo tudo isto, e lá no cerebro afa-gava a idéa de ser tambem rico, dispor de muito dinheiro. Sem dizer nada

à mulher, dentro d'uma semana desapareceu, escrevendo-lhe de bordo, a informal-a dos seus alevantados projectos.

Foi.

Correu um mez, e dois e quatro e dez, mas do José nem novas nem mandado. A Anica é toda lagrimas, a sós, ou quando alguém lhe pergunta pelo homem. Não ha um dia que ao cair da tarde não vá sentar-se à beiramar, como a representa a gravura, cravando os olhos tristes na linha indecisa e vaga do horisonte a prescrutar o navio que lhe trará o dilecto da sua alma!

Mas volvem os annos, e a infeliz, só, com a miseria continua, o abandono cru, o silencio pavoroso do seu desarranjado casal.

Fugiu a alegria d'aquelle espirito e ha quem receie venha a fugir tambem a razão; não ha uma restea de luz para a sombra que envolve a atribulada Anica. Ao passar, quantas outr'ora cubiçavam a riso franco a dourar-lhe as feições, voltam agora contristadas o rosto, feridas da immensa dôr que espedaça o coração da infeliz. Choram, compungidas, em presença d'aquelle choro que não conhece interrupções nem allivios. Pobre d'ella!

O bom do parochio, tirando licção de dôr, tam funda, exhorta maguado a cada um dos seus freguezes: «Olha, filho: a felicidade está onde cada um está, com tanto que saiba trabalhar, que saiba orar. O dinheiro é sim o fornecedor de muitas coisas, mas da felicidade não.

Pouco basta n'este mundo, com tanto que se tema a Deus. Tanto vos cançai a augmentar dinheiro, cançai-vos antes em viver com menos, e tereis melhor resultado em vosso esforço. Intende-se que a economia é ganhar; e porque não será antes poupar? Lembrai-vos de vossos avós... não viviam mais contentes? Não iam á taberna, não queimavam as poupanças no cigarro, não vestiam com os excessos d'agora. Imitai-os e tereis aqui o Brazil; não vos tente a fortuna de poucos, ensine-vos antes a desgraça de muitos.»

R.

## SECÇÃO LITTERARIA

### AVE-MARIA

Lá, por traz da penedia,  
tange a campa do Convento;  
é o placido lamento  
da singela AVE MARIA.



Orae! é a hora divina,  
em que as nossas orações  
se exhalam dos corações,  
como o vapor da campina.

Nossas lagrimas sem fto,  
nossa ineffavel tristeza,  
são o arfar da Natureza  
para o Mystério Infinito!

Não ha, não ha sentimento  
como o que esta hora encerra;  
é o suspiro da Terra  
adejando ao Firmamento.

\*

Todo o mal emmudeceu;  
e a nossa alma, como a ave,  
abriu azas, e suave  
remontou-se até ao Céu.

MARIA, Nuncia do Bem,  
clara Estrella vespertina,  
luar que nos illumina,  
Virgem Mãe, que és nossa mãe;

de agonias e orphandades  
ó meiga Consoladora,  
eis-te comnosco, ó Senhora,  
na hora santa das Trindades.

\*

A's horas do entardecer,  
sáis dos áditos celestes,  
e, por tuas mãos, já prestes  
a esmola nos vens trazer:

ás mentes atribuladas  
uma aragem de bonança;  
aos tibios a fé, a esperança;  
allivio ás forças cansadas;

pennugem macia ao ninho;  
socego á oppressa consciencia;  
e em tudo a casta influencia  
do teu maternal carinho.

\*

Que de intensas alegrias  
sente o espirito um momento,  
ao som do triste lamento  
do tanger de AVE MARIAS!...



Do enfermo, do solitario,  
te vais, subtil, acercar;  
e ouvimos o teu chamar  
no vibrar do campanario.

Por onde quer que tu passas,  
ó Flor dos castos amores,  
diz o perfume das flores:  
MARIA, CHEIA DE GRAÇAS!...

Das aves o papear,  
e dos anhos o balido,  
sauda em terno vagido  
MARIA, ESTRELLA DO MAR!...

\*

Na antiga nave sombria,  
das virgens a turba santa  
aos gemidos do orgam canta:  
VIRGEM DAS VIRGENS, MARIA!...

O maritimo escarcéo,  
do ceruleo mar profundo  
retrôa aos confins do mundo:  
MARIA, PORTA DO CÉU!...

E os soes, com letras de luz,  
ao pressentir-te a presença,  
traçam na abóbada immensa:  
MARIA, MÃE DE JESUS!...

\*

Quando os teus pés, Virgem pura,  
pisam as nossas soidões;  
cantam as Sacras Legiões  
com indizível ternura;

e ouvindo o bradar dos sinos,  
os teus Anjos, pressurosos  
aos nossos ais lacrimosos  
misturam seus santos hymnos.

Oremos pois, que no orar  
de instantes assim devotos,  
co'os nossos unem seus votos  
o Emyreio, as terras, e o mar.

\*

Não ha, não ha poesia  
que restaure almas penadas,  
como as longas badaladas  
da solemne AVE-MARIA!...

J. de Castilho.

## RETROSPECTO

### Chronica

*Hespanha.*—No reino visinho, por estes ultimos tempos, a cousa publica, como sabem os nossos leitores, não tem corrido tão amena e pacificamente como era para desejar.

O governo porém ha dado bastas provas de pujança e vigor, corrigindo devidamente os que pretendem allucinar, perturbar a publica quietação e ordem.

Aquella monarchia, que vai hoje atravessando uma das mais formidandas crises dynasticas, visto ser o seu rei em minoridade, parece, ainda assim, não tremer, como outras, em seus alicerces.

A actual regente, não obstante ser estrangeira, como ao menos nem é italiana nem franceza—gente que ali não prova bem no throno—, é bem querida não só do povo que tambem dos coripheus da politica de todas as côres.

A virtude, como impondo-se por muito, tem-se feito acatar na propria

Africa; e aquella senhora é verdadeiramente piedosa, e, como tal, educa em atmosphera de piedade aos seus filhos, para que amanhã irradiem luz fulgente, que não sinistra, desde o mais alto da hispana nação.

Deus lhe conserve saude e prodigalise suas graças, para bem d'aquelle povo.

A grande e augusta sombra d'aquelle vulto nobilissimo ainda á quem das fronteiras se deixa ver em ar de benção, não de dominio: e serve, mais do que o creem muitos, para conter os inquietos inimigos das instituições dos nossos maiores,—inimigos que, ainda bem, se acham entre si no mór desacôrdo.

Annuncia-se ali um novo congresso que promete ser triumpho novo para a causa do catholicismo.

Verdadeiras notabilidades, d'entre sabios e nobres, n'elle hão tomado já lugar de socios activos, tornando verdadeiramente notavel, mediante seus bons escriptos e eloquente palavra.

O clero, entre todas as demais classes, mostrará até á evidencia, consoante tem de costume, que está á altura da sua missão social.

Os Bispos, mais que ninguem, occupam-se com atínco em levar ali o maior numero de pessoas que possam com sua presença dar mais lustre a tão distincta assembleia.

D'elles será rarissimo o que falte; e só elles bastariam, pelo numero, sciencia, zelo e altissima dignidade, a tornar notabilissimo o congresso.

E' no proximo mez d'abril que se realizará a solemniissima academia, ás margens encantadoras do Guadalquivir, na linda capital da Andaluzia-Sevilha.

E' muito para desejar que alguem d'entre nós va gozar-se, por esses dias, dos purissimos ambientes da vida do catholicismo, ali esplendente.

Foi em Sevilha que recebeu golpe mortal o arianismo que em tempos antigos dominou por desgraça em toda a peninsula. Bom seria que agora dessem na cabeça do monstro que nos infama.

\* \* \*  
*França.*—A grande nação continúa chamando a attenção do mundo e principalmente do mundo christão. O que alli se está passando é seguro indicio de grandes successos n'um futuro proximo. Não tardará vejamos aquella povo coberto de gloria. A França, primogenita da Igreja, determina-se de vez a tomar entre as nações o lugar que lhe pertence. Alli, a impiedade que a perdia recta, a fé que a hade salvar desinvolve-se. O *gesta Dei per Francos* aquece ainda muitos e nobilissimos corações.

O ministerio Freycinet passou á his-

toria, despenhado pela traidora lei sobre as associações, cujo verdadeiro scopo era extinguir as congregações religiosas. Os politicos, arrastados por umas theorias engendradas pela impiedade, não admittem Deus nos seus planos, mas a cada passo elle lhes diz que ainda não abdicou do posto, como agora aconteceu. Perante a hombridade do episcopado, cuja força não previram os politicos, o sr. Hubbard requer urgencia para o projecto de lei, como um cheque á actividade dos catholicos. O sr. Paulo de Cassagnac, salientando a perfidia do projecto, opta pela urgencia, mas por motivo diverso do sr. Hubbard. Sente-se a camara n'uma excitação gravissima: a direita e a esquerda võem no projecto uma arma forte bastante para as inutilizar a ambas. A votação traria o despotismo mais absoluto, posto nas mãos do governo.

Freycinet, em presença do naufragio elogia o projecto para o impingir melhor; diz que não quer a separação da Igreja do Estado e tece a modo d'elle um elogio ao Papa.

«Essa lei—exclama o sr. Després—é uma lei de guerra, ameaçadora, degeito a arruinar todas as associações, ainda as não religiosas.»

Os srs. de Pichon, Mun e Cassagnac defendem os catholicos: Freycinet, Terrier e Brisson defendem a lei, para no entanto serem agredidos pelo proprio Clemenceau.

Na celeuma dos debates, o sr. Kergerlay apresenta a ordem do dia seguinte: «A camara, não querendo preparar a separação da Igreja e do Estado, passa á ordem do dia». Julien e Pichon propõem a seguinte: «A camara convencida da necessidade de continuar a lueta do poder civil contra o partido clerical, declara a urgencia.» Vem terceira ordem do dia de Frouillet e Lasserre, que diz: «A camara, decidida a continuar a sua politica republicana, vota a urgencia.»

Acceita o governo esta ordem do dia, e posta á votação é regeitada! Os ministros saem. E' posta á votação a ordem do dia de Pichon e Julien, que é regeitada! Ainda o presidente expõe a urgencia á votação, que foi tambem regeitada.

A' data em que escrevemos não se acha ainda formado o ministerio, lembrando no entanto o telegrapho os nomes de Loubet, Rouvier, Debelle, Bougeois e Freycinet.

A' derrota do ministerio uniu-se a notavel Encyclica de S. Sanctidade ao episcopado francez, luminosissima a guiar todos os catholicos n'uma acção commum contra a vasta conspiração tramada por certos homens para aniquillar o christianismo em França, es-

pasinhando as noções mais elementares da liberdade e da justiça. Consoleta-se o Sancto Padre com o zelo e dedicação do povo francez, que felizmente redobra á medida que é mais combatida. Mostra que a moralidade no homem suppõe necessariamente Deus e com Deus a religião, laço intimo que liga o homem ao creador. Incita ao fervor os catholicos francezes, felizes por pertencerem a verdadeira religião, dando-lhes coragem para, sob a direcção do episcopado, reivindicarem os direitos que lhes pertencem, repelindo e desfazendo as imputações odiosas arremessadas contra os catholicos. S. Santidade confronta a lueta que hoje atravessamos com a suggerida contra o Salvador, sendo a d'hoje a mesma que a d'outr'ora, valendo-se dos mesmos processos infernalmente caviloso, aos quaes urge oppor a mesma energia dos catholicos dos antigos tempos, estreitando uma grande união com menosculho das preocupações individuaes que possam destruir-lhe a effraccia.

Os conselhos do venerando Pontifice, tendentes a estabelecer esta união, manifestam uma profundeza altamente admiravel. S. Sanctidade, prevendo por certo grandes cataclysmos sociaes, cuida de para elles preparar o exercito dos catholicos.

Todas as divergencias tem pois que baquear deante do oraculo infallivel. Um só fim e um só meio de o attingir, ficam apontados á acção dos valorosos francezes. Ninguem haja agora a duvidar da victoria.

\* \* \*  
*Italia.*—20 DE FEVEREIRO—Roma e o mundo catholico saudam no mais vivo enthusiasmo o decimo quarto anniversario do grande Pontifice. Em 78, d'este dia, quando o sol attingiu o meridiano, o que havia de ser *Lumen in caelo*, apparecia eleito no escrutinio do sacro collegio. Os sinos das trezentas igrejas da cidade eterna enviavam ao longe a feliz nova, em tanto que os leis romanos alluiam deante do balcão da Basilica de S. Pedro, a ouvir da bocca do Cardeal Caterini, que o digno camarlingo era agora o representante de Christo na terra. Quatorze annos de durissimo captiveiro não cançaram os oppressores da Igreja no tyrannico proceder para com o chefe dos christãos. A' custa de extorsão indigna prometteram a felicidade ao povo italiano, felicidade que ainda não chegou nem chegará jamais. Os operarios sem trabalho, em meetings successivos trazem o governo cheio de indignação, que procura remover á força de espadeiradas, optimo meio de destruir a fome. Perante uma grave geral, é enorme o terror na cidade eterna. Os armazens fecham-se, as prisões repetem-se, a

VARIEDADES

Jesuitas e mais alguma coisa

(EXCERPTO)

MANOEL, posto que sempre em questões commigo e com alguns de meus amigos, dava se bem comnosco, porque, atravez das iras que se nos sobreexcitavam, eu lhe descobria um fundo d'amor, um sincero desejo do seu bem, da honra em sua vida e da paz com sua consciencia. Tambem ao travéz da propria presumpção e das mesquinhas bajulações dos amigos que ultimamente por'hi lhe appareceram, la elle descobrio negras sombras d'um frio desprezo, que lhe iam votando, bem como á sua obra.

Sentia ainda a impressão do impulso que lhe deram para o obrigarem a cahir na lama; e, olbando atristado em roda de si, não via quem d'entre elles lhe estendesse mão valedora e amiga ajudando-o a sahir do atascadeiro. Dos taes amigos, um agora, e mais logo outro o iam empurrando a furto para que mais e mais se acravasse.

Creio que mais d'uma vez sentiu elle secretos impulsos de caracter e honradez,—impulsos de metter mãos na lama que o circumta e atirar com ella á cara dos refalsados amigos que n'ella o enterraram.

Mas—pobre Manoel!—está como fatigado de longa e trabalhosa jornada: falta-lhe alento para tudo o que não seja resvalar ao abysmo.

Depois de longo «cavaco» sobre ceia, indicámos-lhe um quarto contiguo áquelle em que nos achavamos; pegou elle n'um castiçal e foi deitar-se: eram já horas altas da noite. E era d'inverno a noite; fria, algidissima. Só eu e dois amigos ficámos ainda de roda da brazeira, que estava bem boa.

Seria passada apenas meia hora, quando ouvimos falar. Suspendemos a nossa conversa; e sem conhecermos a voz que se fazia ouvir mal definida, notámos que era um monologo.

Um meu companheiro sahi mesmo ás escuras, devagarinho, pé ante pé; voltando em breve, disse-me:

—Vem d'ahi, que o Manoel sonha.

E sahi após elle, indo postar-nos ambos á porta do quarto do Manoel,—o qual quarto era frouxamente illuminado por uma lamparina d'azeite onde a luz bruxoleava mortiga ao través do opaco e baço d'um vidro.

Ouviamol-o falar, mas palavras inconnexas e ao parecer mal terminadas.

Fomos a manso e manso approximando-nos, até nos acharmos á beira do leito d'elle. Acachapamo'-nos, no soalho, muito encostados á meza, mantendonos no maior silencio. E elle continuava sonhando, cada vez com maior exaltação, pronunciando distinctamente os nomes seguintes:—Seculo... os homens tenebrosos... a Guilhermina... a syndicancia... amigo e mestre... os leitores do grande livro... os meus discipulos... aquelles a quem escrevi gostaram do livro... accusam-no de muito defeituoso e mesmo de desataviado da arte... dizem que não presta... chamam me typo de ingratição, apaixonado, mentiroso...

E notaram-se no semblante contracções harto demonstrativas, ao parecer, do vexame que com ira ou indignação sentia no fundo d'alma. Após isto, entrou n'um dormir mais placido, mais reparador. Dispunhamo'-nos a retirar d'ali, quando pega elle a falar n'um novo tom.

Dizia:

—«Que quer, minha mãe, que eu faça?... A sciencia e as convicções trouxeram-me a este ponto... e agora não descortino astro que possa reconduzir-me aos horizontes que fugi para sempre...»

D'aqui por diante, até ao fim d'esta historia, pendo muito a suspeitar que não era só o Manoel quem dormia, mas tambem nós, os dois espectadores. Dormimos, pois, todos tres, e todos tres sonhámos, com a notavel differença: que elle falava, e calavamos nós.

A' direita do Manoel, na parede a que se encostava o seu leito, vimos estampada sinistramente a sombra Augusta de uma veneravel senhora. E d'ahi ouvimos sahir uma voz, em extremo meiga, deixando adivinhar em suas modulações o quer que fosse d'uma grande dôr. Falou assim:

—«Meu filho! porque não segues as gloriosas tradições dos teus?! Porque abandonas a fé e a religião da tua mãe?! Achaste porventura algum mestre que te ensinasse com mais carinho que ella? achaste-o que deseje mais viva e profundamente a tua felicidade? que fizesse por ti maiores sacrificios? que estivesse disposto a dar-te, como te dei eu depois que te lancei á luz da vida, o proprio sangue? Achaste quem se revisse em ti qual n'um espelho d'amor, como em ti me revia eu? Achaste quem por ti perdesse o somno, deixasse de comer, passasse frio? quem se descobrisse, para cobrir-te, quem por limpar-te se sujasse? Achaste quem te cingisse, como eu, ao collo, e te beijasse com o carinho com que te beijei eu?!... Porque me deixas, filho, a mim, para emigrar com os outros?! Acharás outro amor mais terno, outro

crise avulta enormemente no espirito de todos, ninguem pôde prever quando o socego venha a restabelecer-se.

As finanças acham-se cada vez peiores, procurando-se economias nos artigos mais insignificantes.

Allemanha. — O socialismo attinge umas violencias inesperadas. Sendo aqui onde mais se tem desinvolvido, ostenta mais assustadores symptomas que nas outras nações. Berlim tem soffrido continuos sobresaltos. Agrupamentos por todas as praças, mais numerosos na Avenida das Tílias e na praça do Palacio, tem dado serio cuidado ás tropas, que batendo n'uma parte os amotinadores, logo os veem congregar-se n'outras.

Eis pois umas vesperas formidaveis do primeiro de maio, que incidindo este anno n'um domingo, dia livre para todos os operarios, promette ser devéras assustador.

Noticias

Bellezas do progresso. — Paris é a capital da Europa, onde todos põem os olhos como em modelo proprio a seguir-se. No emtanto, se o numero de delictos está na razão directa da falta de civilização, veja-se o retrocesso da grande Babylonia moderna por uma estatistica significativa de seus delictos. Um relatorio offerecido ha pouco ao ministro do interior, fixa no fabuloso numero de dôze mil os processos retardados no tribunal do Sena por falta de tempo para lhes dar expediente.

A mendicidade, cada vez mais profunda e mais extensa, subiu no anno ultimo a 42:000 miseraveis, cujo unico recurso era apenas a assistencia publica.

Em face d'estes algarismos alguem por ventura poderá affirmar que seja verdadeira a prosperidade pariziense?

Frades na Prussia. — Augmentam progressivamente. Colonia possui já dentro de seus muros uma florescente casa de Clerigos Regulares da Madre de Deus, e lançam-se amplos fundamentos para um estabelecimento de Religiosos de S. João de Deus, enviados pela casa mãe de Montabour, cidade do antigo eleitorado ecclesiastico de Tréves.

Presidente do Chili. — Quasi seria, ha pouco, victima d'um attentado. Ao regressar a Santiago, a curta distancia da capital, viram-se arrancados os rails da via ferrea por mão criminosa. Sustado o trem, repararam a via, evitando-se assim um desastre, ou decerto um crime de lesa-nação.

Fevereiro—29.

D.

olhar mais meigo, outro collo mais brando, outro coração mais teu? dize, meu filho! . . . . .»

E o Manoel, como sacudido por poderosa corrente electrica, sentou-se de golpe no leito, crespos, em pé, os cabellos, e levando as mãos abertas a servir d'apoio á cabeça. Como se a tivesse estonteada, dorida, repetiu aquellas palavras:—«A sciencia... as convicções.» E, como vindas da sombra mysteriosa trocou esta voz:—«Não digas, Manoel, sciencia ou convicções; diz antes, pobre filho: soberba, paixões...»

Manoel, sem responder, abriu os braços, estendendo-os energicamente como para abraçar a sombra, clamando em tom soturno:—«Perdôa-me, ó minha mãe!» A larva, porém, de sua mãe... sumiu-se, deixando-o hirto como uma estatua, a tempo que do sitio onde apparecera a sombra, de novo se deixou ouvir uma voz, bradando-lhe:—«Meu filho: na região onde, pelos infinitos meritos de Jesus e o poder ilimitado da graça divina, me encontro, não chegam odios nem desejos de vingança; só amor se aspira; só respiramos amor, e tal que elle nos adorna e nos faz em tudo e para sempre venturosos, almejando que, para gloria de Deus e ventura dos nossos irmãos, venham fruir estas ditas o maior numero de mortaes.»

E o nosso heroe, um tanto confortado, expediu um grande suspiro; e seguidamente principiou a falar com a larva de sua mãe; e assim falou:—«Levae, ó mãe, levae-me, mãe querida, a essa região de venturas, por que já vêdes como aqui sou desgraçado.»

Da sombra veio-lhe a seguinte resposta: «—Meu filho: não póde ser já porque te falta o habito nupcial com que deves apparecer n'aquelle eternal convivio; mas não percas a esperanza de lá chegar, porque Deus,—o pae das misericordias,—havendo-nos dado seu Unigenito, não te negará cousa alguma no dia em que, contrito e humilhado, lhe saibas pedir. E Maria, a quem tantos chamaste mãe, e em quem confiaste em tanto extremo nos dias da infancia e nós primeiros annos da juventude, é

prompta a proteger-te na grande empreza da tua salvação. Teu pae, e aquelle teu defuncto irmão, que em breves annos perfez tão longa e gloriosa jornada, intercedem por ti; e esta que, por divina permissão, te fala, esta tua mãe que tanto te amou e tanto te quer ainda, fará, quando em si estiver, por que tu faças á tua parte que ella possa sempre amar-te. N'esse mesmo valle de amargas lagrimas e dôres tens tambem muitos que suspiram e oram por ti: aquellas tuas boas irmãs, teu piedoso irmão, teus benemeritos, aquelles varões santos em cuja companhia estiveste tantos annos, e até esses senhores, que tanto questionam contigo, oram por ti. Meu filho! que de suspiros fazes arrancar! quantas lagrimas! quanta compaixão, Manoel! Filho! meu caro Manoel! compadece-te sequer de ti, chora uma vez teus erros, e ao menos, meu filho, no meio d'essas nebulosidades que te trazem estonteado, não te cõrras de a só com o teu coração murmurares uma curta prece áquelle que por tantos annos disseste Mãe. E adeus, meu pobre filho, adeus! . . . . .»

Aquí, ergueu se elle, de pancada, no leito para poder abraçar a sombra de sua mãe, mas subito, desaparecendo esta, achou-se só com a d'elle projectada desproporcionalmente na parede!... sua sombra pareceu-lhe horrivel, e a nós tambem; e horrivel nos pareceu, a demais d'isso, uma noite assim passada ao frio sobre o soalho, quando demos connosco mettidos affinal quasi sob o leito do nosso sonhador.

De novo se recolheu o Manoel á cama, e nós, muito acorados, esperamos que elle dormisse para irmos tambem a nossos leitos. Deu muitas voltas, soltou alguns suspiros, soluçou, pronunciou por vezes o nome de «mãe», e, já meio dormindo, ainda articulou est'outros: «Deus... Maria... eternidade... Jesus... consciencia... calumnia... vergonha...» E cahiu n'um somno profundo,—com o que podemos sahir do tão incommodativo esconderijo. Quando o deixámos, era elle estirado de costas, os braços de fóra, cabellos em desalinho, e o todo n'um tom de languidez e

prostração, como de quem acaba de sahir d'um prolongado accesso febril. Principiava a resonar brandamente quando desalojámos d'aquelle negredo quarto. Fomos deitar-nos, não sem antes d'isso dizermos varias vezes um ao outro:—«Pobre Manoel! Pobre moço! —E terminei eu com dizer:—Se elle ora, Maria como Mãe o ampara, e elle, reconhecendo-se, diz: «Senhor, pequeil» o Manoel salva-se.

Adormecemos; e entrámos com o dormir por alto dia, por geito a desforarmos-nos do perdido na anterior noite. Logo que nos vestimos, iamos ambos saudar o nosso hospede, e até palvreado em voz alta, quando notámos que elle ainda não havia permitido ao esplendoroso sol d'aquelle dia o entrar-lhe pelo quarto. N'este continuava ainda esparzindo amortigados clarões a luz phantastica da lamparina. A um tempo que calámos ambos instinctivamente, e approximamo'-nos silenciosos, tirados por a curiosidade, quando ouvimos que falava alto o pobre do Manoel. Parece que, após os salutaes avisos que lhe trouxera a appareção da mãe, o anjo tentador adejou por sobre elle, pois fomos encontral-o a clamar com exaltação:—«Jesuitas, não necessitamos das vossas freiras para os hospitaes. Antes do jesuitismo nos trazer freiras a Portugal, já em Portugal existiam hospitaes para doentes, já existiam asylos de infancia desvalida, já existiam casas e até Palacios de Invalidos!... Antes das freiras, já o pobre era curado pela caridade publica e particular, já a creança abandonada não morria de frio na rua e era amamentada e creada nos hospicios publicos, já o velho e invalido não cahia no lagedo sem que a caridade publica o levantasse e o cuidasse com o respeito devido á sua idade e ás cãs honradas pelo trabalho de longos annos. Antes das freiras e ainda hoje sem ellas os grandes hospitaes de S. José em Lisboa e de Santo Antonio no Porto, esses focos resplendentes da caridade publica e nobremente portugueza, cuidavam e curavam annualmente centenaes e centenaes de doentes á sombra das liberdades e aspirações modernas...»

## O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS PRIMEIROS E TERCEIROS SABBADOS DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente—Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 18000 reis—Estados da India, China, e America, 18220 reis, moeda portugueza—Numero avulso 100 reis. Edição de papel de luxo, mais 200 reis.

**As assignaturas são pagas adeantadamente, por um ou meo anno.**

**O anno começa no 1.º sabbado de janeiro**

Tudo o que se refere á redacção, incluindo troca de jornaes, seja enviado a Manuel Maria Fructuoso—Correio de NEGRELLOS (Concelho de SANCTO THYRSO)

Tudo o que pertence á administração seja dirigido a José J. da Silva Guimarães—rua de Gil Vicente, 64—GUIMARÃES.